

EP-233

PERCEPÇÕES DE PUÉRPERAS A RESPEITO DA SÍFILIS NA GESTAÇÃO

David Vinicius Davida

Faculdade São Leopoldo Mandic, Campinas, SP, Brasil



Introdução: Apesar da existência de testes diagnósticos sensíveis, tratamento efetivo, a Sífilis Congênita ainda persistem como importante problema de saúde pública no Brasil.

Objetivo: Avaliar o tipo de informação recebida entre as puérperas com diagnósticos de sífilis na gestação ou parto sobre a doença e suas consequências para si e seus bebês.

Metodologia: Estudo prospectivo com gestantes admitidas na Santa Casa de Sorocaba no período de outubro/2019 a agosto/2020 e identificadas por apresentarem testes reagentes para sífilis que responderam um questionário sobre suas percepções sobre a doença. Projeto aprovado pelo CEP e os participantes assinaram TCLE.

Resultados: 56 gestantes foram diagnosticadas com sífilis, suas idades variaram de 16 a 40 anos (média de 27 anos) e 4 delas (7,1%) referiram não ter feito acompanhamento pré-natal (PN). 40/52 (77%) com (PN) iniciaram o acompanhamento no primeiro trimestre da gestação, duas delas não tinham o cartão de PN e todas o trouxeram para o parto. Apesar de que 55/56 (98,2%) das gestantes referiram ter feito o teste para sífilis durante a gestação, 13 delas (23,6%) não receberam explicações sobre o teste e 4 (7,3%) não trataram durante o PN. Só 21 (37,5%) receberam informações da forma da aquisição da doença e 11 (19,6%) não receberam qualquer orientação sobre a doença, suas consequências e seu tratamento. 15 gestantes (26,8%) não receberam orientações sobre a necessidade de acompanhamento pós-natal. As informações sobre a doença foram oferecidas pelo médico do PN para apenas 33 gestantes (59%); 11 (19,8%) referiram informações de outros médicos que a acompanharam e 6 (10,8%) receberam essas informações das enfermeiras do PN.

Discussão: A falta de explicações seguras, sobre a doença e suas consequências, oferecidas pelo médico do prenatal chamou nossa atenção neste estudo. O teste diagnóstico é oferecido para a quase totalidade das gestantes, mas as informações que conduziriam a um acompanhamento mais seguro e completo ainda são insuficientes.

Conclusão: Necessário treinar médicos prenatalistas para a necessidade de melhorar o cuidado para as gestantes com sífilis, que inclui não só o diagnóstico, mas a conscientização sobre seus riscos e consequências.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101311>

EP-234

AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE PREVENÇÃO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Jaime Emanuel Brito Araujo

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, PB, Brasil



Introdução: As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) são adquiridas por via sexual, tendo diversos agente etiológicos e podem causar diversas complicações, tanto clínicas como psicossociais.

Objetivo: Descrever qualitativamente o papel da experiência sexual de acordo com o contexto informativo e sociocultural e associá-lo ao risco de transmissão de DST entre acadêmicos de Medicina de um campus de uma universidade pública.

Metodologia: Estudo descritivo com coleta de dados por meio de questionário semi-estruturado e análise dos dados de forma quantitativa e qualitativa.

Resultados: Dos entrevistados, 50% eram do sexo masculino, 75% tinham entre 21 e 25 anos. Quanto à fonte de informação sobre a prevenção de DST, os meios de comunicação e o meio acadêmico foram lembrados em 98% dos casos, contra 55,8% que apontaram os familiares, amigos e/ou médicos. Quanto ao tipo de informação, 92,3% responderam que a camisinha deveria ser colocada no início da relação sexual e 7,7% que esta deveria ser colocada somente no momento da penetração; 100% responderam que seria possível “pegar DST” ao se praticar sexo oral ou anal. Sobre a importância do conhecimento sobre o assunto, 86,5% acharam importante a assistência precoce a sinais e sintomas, 59,6% valorizaram o conhecimento sobre os métodos de prevenção. Sobre os cuidados individuais, 51,9% já consultaram um especialista (urologista ou ginecologista); 61,5% nunca fizeram exames para detectar DST's; 80,7% já tiveram relação sexual; 53,8% tiveram somente um parceiro, 34,6% tiveram de 2 a 4, 3,8% maior ou igual a 5 e 7,8% não sabiam; 36,5% usaram camisinha em todas as relações, 9% usaram somente em algumas situações, 26,9% usaram outros métodos ditos seguros e 27,6% não usaram nenhum método; 84,6% afirmaram nunca terem tido enfermidade.

Discussão/Conclusão: Os estudantes abordados possuem conhecimento sobre a temática em questão, contudo há baixos níveis de adesão a práticas preventivas seguras, havendo necessidade de mudança de comportamento, sendo imprescindível uma reformulação dos programas educacionais e dos serviços de prevenção já implantados.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101312>